

Português

Texto 1:

Lisbon Revisited

Não: não quero nada,
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me
enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!)
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da
técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me **macem**, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de
qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a
vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser
sozinho.

Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da
companhia!
O céu azul – o mesmo da minha infância –

Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me
sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca
tardo...

E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar
sozinho!

(PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,
1981, p. 290-1.)

QUESTÃO 1

Pela leitura do poema, pode-se dizer que o poeta.

- (a) recusa-se a aceitar os valores que a sociedade tenta inculcar-lhe;
- (b) encontra na morte a única solução para os problemas;
- (c) tenta tornar-se uma outra pessoa, para agradar a todos;
- (d) sente-se solitário e, por essa razão, almeja fazer parte da companhia.

QUESTÃO 2

A forma verbal “*macem*”, destacada no poema, significa

- (a) desprezem;
- (b) importunem;
- (c) ofendam;
- (d) maltratam.

QUESTÃO 3

A penúltima estrofe do poema permite considerar que o eu-lírico sente:

- (a) uma saudade carinhosa da infância, pois em Lisboa ainda pode viver bons momentos;
- (b) uma mágoa de Lisboa, pois lá passou uma infância vazia e sem sentimentos;
- (c) um medo de visitar Lisboa, pois a cidade nunca lhe proporcionou boas lembranças;
- (d) uma saudade melancólica da infância, pois trata-se de uma época remota e irrecuperável.

Texto 2:

Lycra é marca registrada.

Igualzinha àquela que tem na ponta do seu dedo.

Lycra é marca única, própria. Na hora de comprar *lingeries*, biquínis, meias, blusas, calças, veja se tem esta etiqueta. Mais do que um certificado de qualidade, é um certificado de personalidade. Ela

indica que o fio no tecido é resultado de anos de pesquisa e de constante aperfeiçoamento.

QUESTÃO 4

Assinale a alternativa que apresenta análise **INADEQUADA** sobre o texto.

- (a) O vocábulo *igualzinha* é elemento que tem a função coesiva de retomar a expressão *marca registrada*.
- (b) O vocábulo *àquela* remete a um elemento que não foi explicitado no texto.
- (c) A expressão *na ponta de seu dedo* tem, no texto, a função de oferecer indicações acerca do elemento ao qual se refere o vocábulo *àquela*.
- (d) O leitor deve atribuir à expressão *na ponta de seu dedo* significado metafórico.

QUESTÃO 5

Assinale a alternativa que apresenta análise **INADEQUADA** sobre o texto ou um de seus elementos.

- (a) O enunciado *Lycra é marca única, própria é* paráfrase do enunciado que abre o texto: *Lycra é marca registrada*.
- (b) Considerando-se o modo como as expressões *certificado de qualidade* e *certificado de personalidade* são encadeadas no texto, pode-se dizer que a expressão *certificado de personalidade* é apresentada como argumento mais forte que *certificado de qualidade*.
- (c) O pronome *ela* é um elemento de coesão que retoma a expressão *marca única*.
- (d) O vocábulo *lingerie* é exemplo de estrangeirismo que, em função do uso corrente, passa despercebido para muitos brasileiros, em situações de oralidade.

Texto 3:

Anúncios

“Se sua sogra é uma jóia... temos o melhor estojo”
(Funerária Sousa)

“Vndo máquina d scrvr com falta d uma tcla”;

“Dãoce aulas de hortografya”.

QUESTÃO 6

Assinale a alternativa **INCORRETA**.

- (a) O humor na piada é produzido com base na associação que se deve fazer entre as informações explícitas nos anúncios e aquelas que podem ser inferidas pelo leitor.

- (b) No primeiro anúncio da piada, a informação entre parênteses determina o sentido dos vocábulos “jóia” e “estojo”.
- (c) No segundo anúncio da piada, o problema de grafia, além de não impedir a compreensão do enunciado, é responsável pela produção de humor.
- (d) No terceiro anúncio da piada, o humor se produz em razão de o enunciado demonstrar o desconhecimento do anunciante quanto às convenções de grafia e às regras de concordância, tendo em vista o serviço oferecido.

Texto 4:

O povo contra o Jornal Nacional O povo contra as “Dasluzetes”

É preciso derrubar o Jornal Nacional, não acreditar em nada do que se diz no Jornal Nacional. A mim só me interessa, nos noticiários todos de hoje em dia, a previsão do tempo (por imprecisa que seja, por papagueada que seja pelos “homens” e “mulheres do tempo” dos telejornais, travestidos de sorridentes garotos e garotas-propaganda, como se até mesmo o clima se transformasse em mercadoria). Por que sorriem tanto as “mulheres do tempo”, umas gralhas, umas papagaias sem nexos? Veja-se como exemplo uma locutora loira do jornal da Band, telejornal noturno da Rede Bandeirantes de Televisão - a mulher é uma verdadeira arara de circo. Como pode um suposto “jornalista” formado em curso superior se sujeitar a papel tão ridículo quanto esses “âncoras” da “previsão do tempo”? É por isso que dizem que jornalismo nunca foi exatamente um curso “superior”, no sentido que a academia dá a essa palavra - só pode ser, hoje mais do que nunca, uma espécie de curso técnico formador de papagaios amestrados.

A mim só me interessa a previsão do tempo. Mas nem isso eles dão logo de cara, como primeira notícia no telejornal. Se dessem, eu desligava logo em seguida o aparelho de televisão. Não. Eles dão primeiro as notícias da “atualidade”. É preciso derrubar o Jornal Nacional, que vive agora dando voz e imagem ao neto do senador baiano Antônio Carlos Magalhães (vulgo ACM, do PFL da Bahia), como se ACM Neto fosse (nas CPIs disso e daquilo) o exemplo de sangue novo, correto e incorruptível da política da “atualidade”: é a Rede Globo prestando seu desserviço histórico, contribuindo para apagar a memória recente do país, reforçando seus vínculos obscuros com a oligarquia baiana populista, de extrema direita e sempre suspeita de antiquíssima malha de corrupção e conduta “indecorosa”, como eles dizem no parlamento. (...)

QUESTÃO 8

Numa revolução ideal, seria o povo contra o Jornal Nacional e o povo contra as "dasluzetes", as vendedoras da Daslu, a loja paulista de consumo de alto luxo. As "dasluzetes", que recebem salário mensal de 15.000 reais no país de pior concentração de renda do mundo, são as filhas de milionários e poderosos, como a filha do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Numa revolução ideal seria o povo contra a Daslu, empresa que tem histórico de irregularidades. Em 2002 teve cassada a licença de funcionamento no antigo endereço, na zona sul de São Paulo, por ferir a lei de zoneamento. Numa revolução ideal, seria o povo contra a Daslu da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), cujo presidente, Paulo Skaff, disse na ocasião da prisão pela Polícia Federal (em 14 de julho último), de donos da Daslu por suspeita de sonegação fiscal: "Não podemos aceitar que a sociedade seja tratada como bandida". Sociedade? Só se for a sociedade da meia dúzia de amigos milionários que ele tem. O resto dos brasileiros – melhor, a imensa maioria – é sempre tratada como bandida. Numa revolução ideal, seria o povo contra a Daslu das "dasluzonas", as vagabundas milionárias que passam tardes ali torrando milhões em superfluidades. A Daslu de Antônio Carlos Magalhães, assíduo frequentador e amigo da dona da loja, que fez até discurso no Senado contra a prisão dela, como se isso fosse assunto de interesse nacional.

A mim só me interessa a previsão do tempo - me interessa saber o que devo plantar e colher, como diria Raduan Nassar, que bichos devo criar, que terra devo arar – no silêncio de um mundo onde não haja uma única antena de televisão. Antes ser uma figura utópica e anacrônica, uma simples criatura deste século, desinteressada da cena pública, distante dos lugares onde se resolve seu destino pelos meios de comunicação. Era preciso derrubar do poder o Jornal Nacional e seus similares impressos e não.

Marilene Felinto

Revista *Caros Amigos*, Ano IX – número 101 - agosto/2005

QUESTÃO 7

A fim de confirmar seu raciocínio e realçar sua crítica, a articulista do texto acima valeu-se principalmente de:

- (a) Palavras de baixo calão e neologismos;
- (b) Caracterização de certos "jornalistas" e sofismas variados;
- (c) Repetição enfática de trechos do texto e uso de pleonasmo estilístico ("A mim só me interessa");
- (d) Perguntas retóricas e deduções inconclusivas.

No penúltimo parágrafo do texto, a revolução pretendida pela jornalista parece, ao menos por enquanto, realizar-se apenas no campo da sugestão.

As marcas linguísticas que revelam essa inconcretude são:

- (a) Referência a poderosos inimigos nacionais / vocativo;
- (b) Uso de verbo no futuro do pretérito / adjetivação ("ideal");
- (c) Uso da palavra "utópica" / verbo no pretérito perfeito.
- (d) Uso de apóstrofes / adjetivação agressiva.

Texto 5:

O Cuecão reinventado

– À moda **Machado de Assis**:

"Foi petista **por** 25 anos e 100 mil dólares na cueca"

– À moda **Drummond**:

"Tinha um raio-x no meio do caminho,
e agora José?"

– À moda **Lispector**:

"Guardei os dólares na cueca e senti o prazer terrível da traição. Não a traição aos meus pares, **que** estávamos juntos, mas a séculos de uma crença que eu sempre soube estúpida, embora apaixonante. Sentia-me ao mesmo tempo santo e vagabundo, mártir de uma causa e seu mais sujo servidor, nota a nota".

– À moda **Guimarães Rosa**: "Notudo. Ficado ficou. Era apenas a vereda errada dentre as várias."

Fonte: internet

QUESTÃO 9

Observando os termos destacados, poder-se-iam substituí-los, sem prejuízo semântico, respectivamente por:

- (a) por causa / já que;
- (b) durante / uma vez que;
- (c) no período de / mas;
- (d) devido a / pois.

Texto 6:

O Provedor

Andar à toa é coisa de ave.
 Meu avô andava à toa.
 Não prestava pra quase nunca.
 Mas sabia o nome dos ventos
 E todos os assobios para chamar passarinhos
 Certas pombas tomavam ele por telhado e
 passavam
 As tardes frequentando o seu ombro.
 Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido
 para
 Ser uma árvore.
 Lírios o meditavam.
 Meu avô era tomado por lesão porque de manhã
 dava
 Bom-dia aos sapos, ao sol, às águas.
 Só tinha receio de amanhecer normal.
 Penso que ele era provedor de poesia como as aves
 E os lírios do campo.
 Manoel de Barros

QUESTÃO 10

“Só tinha receio de amanhecer normal.”

Caso amanhecesse normal, o provedor só não:

- Teria a aceitação do mundo prosaico, mas se exilaria do poético.
- Teria uma função utilitária, mas perderia o poder de encantar-se com as simples manifestações da natureza.
- Revigoraria sua inserção no mundo dos homens sãos, mas se afastaria da descoberta do sensível.
- Continuaria a traduzir seu deslumbramento com as expressões poéticas da natureza, mas se introduziria na realidade.

QUESTÃO 11

Na Grécia antiga, gramática encerrava a capacidade de dominar as letras. Saber gramática, portanto, era ter a capacidade de ler, interpretar as diversas vozes que circulam num texto.

Sabendo que a gramática de um poema, no sentido etimológico, originário, se resume no desvio estilístico da função poética, o imprevisível, o surpreendente do discurso é expresso no verso:

- “Não prestava pra quase nunca”.
- “Lírios o meditavam”.
- “Só tinha receio de amanhecer normal”.
- “Certas pombas tomavam ele por telhado e passavam as tardes frequentando o seu ombro”.

QUESTÃO 12

“Vestibular UERJ 2001.

Construindo o cidadão do futuro.”

No enunciado acima, extraído de um folheto de divulgação deste Vestibular, o vocábulo futuro classifica-se gramaticalmente como substantivo. Se, entretanto, houvesse alteração para “Construindo o cidadão futuro”, a mesma palavra seria um adjetivo.

Casos como esse permitem considerar substantivos e adjetivos como nomes, que se diferenciam, sobretudo, pelas respectivas características a seguir:

- invariabilidade mórfica – variabilidade em gênero e número;
- designação de seres e conceitos – expressão de um fenômeno;
- termo gerador de nomes derivados – resultado de uma derivação;
- papel sintático de termo núcleo – papel sintático de modificador de outro nome.

QUESTÃO 13

“Os aliados não querem romper o namoro com FHC – querem é namorar mais.” (Veja, 18/08/1999)

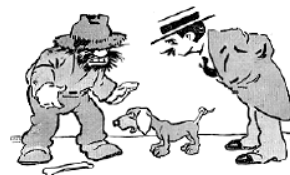
A comparação entre as palavras sublinhadas acima demonstra que o significado geral de “expressar ação” não é suficiente para identificar o verbo como classe gramatical, já que namoro consta do dicionário como “ato de namorar”.

Para diferenciar o verbo do substantivo, por exemplo, seria necessário considerar, além do sentido de ação, a seguinte característica que só os verbos possuem:

- terminação em r;
- presença indispensável à frase;
- flexão de tempo, modo e pessoa;
- anteposição de um substantivo.

Texto 7:

A CRISE



“– Perdão, cavalheiro, este osso é meu: fui eu quem o viu primeiro.”

(RAUL. Revista Fon-Fon, 06/06/1914.)

QUESTÃO 14

Na charge de Raul, composta por título, desenho e legenda, há vários contrastes.

O contraste que melhor reforça o título da charge é:

- (a) um senhor de fraque e chapéu olha um mendigo
- (b) um homem e um cão disputam o mesmo alimento
- (c) um mendigo com fome faz uma frase polida e formal
- (d) o cão faminto olha para o mendigo e não para o osso

QUESTÃO 15

Observe atentamente os dois trechos transcritos abaixo.

“... o objetivo da poesia (e da arte literária em geral) não é o real concreto, o verdadeiro, aquilo que de fato aconteceu, mas sim o verossímil, o que pode acontecer, considerado na sua universalidade.”

(SILVA, Vítor M. de A. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1982.)

Verossímil. 1. Semelhante à verdade; que parece verdadeiro. 2. Que não repugna à verdade, provável.

(FERREIRA, A. B. de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.)

A partir da leitura de ambos os fragmentos, pode-se deduzir que a obra literária tem o seguinte objetivo:

- (a) opor-se ao real para afirmar a imaginação criadora;
- (b) anular a realidade concreta para superar contradições aparentes;
- (c) construir uma aparência de realidade para expressar dado sentido;
- (d) buscar uma parcela representativa do real para contestar sua validade.